



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



**A POSSE DAS TERRAS BRASILEIRAS NO JORNALISMO *ON LINE*:
SUJEITO, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO**

Maria do Socorro Pereira Leal
mspleal@click21.com.br
(UFRR/UFF/CAPES Prodoutoral)

As reflexões apresentadas neste trabalho fazem parte de uma pesquisa de doutorado cuja temática é a posse das terras brasileiras nos discursos político e midiático sobre demarcação de terra indígena. Mais especificamente, tomamos pronunciamentos de deputados federais e senadores de Roraima e manchetes das versões eletrônicas dos jornais *Folha de Boa Vista* (RR), *Folha de São Paulo* (SP) e *O Globo* (RJ). Para esta comunicação, nos restringiremos à análise de algumas manchetes publicadas após a homologação da terra Raposa Serra do Sol (em Roraima) como posse permanente dos índios Ingarikó, Makuxi, Patamona, Taurepang e Wapixana. Brevemente situando, cumpre dizer que, num processo que perdura há cerca de trinta anos, muitas foram as propostas de limites físicos para a terra Raposa Serra do Sol. Há duas décadas, a querela deu-se em torno do tipo de demarcação a ser feita: demarcação *em área contínua* ou *em ilhas*. Uma proposta de demarcação *em área contínua* foi apresentada em 1992 e reconhecida por portaria em 1998. No entanto, somente em abril de 2005, a homologação foi assinada. Esta, que deveria ser a última etapa desse trajeto, tornou-se mais uma batalha entre os índios e um grupo formado pelos políticos roraimenses e fazendeiros que cultivavam arroz na região. Eles recorreram ao Supremo Tribunal Federal, cuja decisão manteve a terra como posse exclusiva dos índios. Certo é que somente em junho de 2009 os últimos não índios foram retirados, pela Polícia Federal, da terra Raposa Serra do Sol. Essa discussão tornou-se parte da agenda midiática nacional e os brasileiros passaram a ser amplamente informados sobre um (in)tenso embate pela posse da terra, com explicações que tentavam organizar um percurso de compreensão sobre a extensão das terras pleiteadas pelos índios, quantas toneladas de arroz os fazendeiros produziam e deixariam de produzir na área. Para esta pesquisa, interessa a forma pela qual a posse da terra, ainda disputada entre índios e brasileiros, foi sendo noticiada pela mídia eletrônica. E, para esta comunicação, nosso objetivo é, nessa narrativa (MARIANI, 1998) da disputa pela terra, discutir questões relativas ao sujeito do/no discurso jornalístico virtual sobre a posse das terras brasileiras. Averiguar como o discurso midiático dá a ver na rede a configuração da desigualdade de forças entre os índios e os brasileiros ao esgarçarem a terra entre si. Para isso, temos como aporte teórico a Análise do Discurso, nos termos em que a propõe Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, aqui no Brasil. Por essa perspectiva, concebe-se a língua em sua relação inseparável com a sociedade, com a história, com a ideologia. Os sentidos, portanto, circulam conforme certos modos, engendrados pelas diversas relações em uma sociedade específica numa dada época (PÊCHEUX, 1993; ORLANDI, 2002). Nesse

funcionamento, alguns sentidos vão sendo re-atualizados, mas também re-significados na tensa relação com outros dizeres e seus diferentes modos de significar. Segundo os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, o que depreendemos no texto são posições que o sujeito ocupa ao dizer, segundo representações imaginárias dos lugares sociais em conjuntura histórico-político-ideológica dada. E isso nos coloca em desacordo com uma concepção de sujeito que está no controle de tudo o que diz e que, assim, pode escapar à ideologia e ao inconsciente. Assim, no discurso jornalístico *on line*, pontuaremos questões sobre o indivíduo constituído em sujeito pela entrada no curso da linguagem e pela interpelação/identificação ideológica a uma teia que entrelaça certos significantes entre si e, ao mesmo tempo, atrela-os a dados sentidos e não a outros. Como o sujeito desse dizer se constitui e abriga-se no universo virtual? Que sentidos são ostentados como óbvios para o sujeito ao dizer sobre a disputa pela posse das terras brasileiras?

Palavras-chave: Análise do Discurso; sujeito; posse da terra; processos de identificação; discurso midiático

Referências Bibliográficas

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998.

_____. *Colonização Linguística*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. *Terra à vista!:* discurso do confronto: velho e do novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990.

_____. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET, F. e Hak, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1993. pp: 61-163.

_____. Papel da memória. [1983] In: *Papel da memória*. ACHARD, P. [et al.]. Campinas, SP: Pontes, 1999. pp: 49-57.

ROMÃO, Lucília M. S. & ROMÃO, Arquilau M. *Do pergaminho à tela do computador: a trajetória do livro*. Ribeirão Preto, SP: Ed. Alfabeta, 2009.

Área: Linguística

Linha teórica: Análise de Discurso

Inscrição em Sessão de Comunicação, no Grupo Temático "Análise de Discurso e Processos de Subjetivação", coordenado pela Profa. Dra. Vanise Medeiros (UFF).